

Aveleda em 1758:

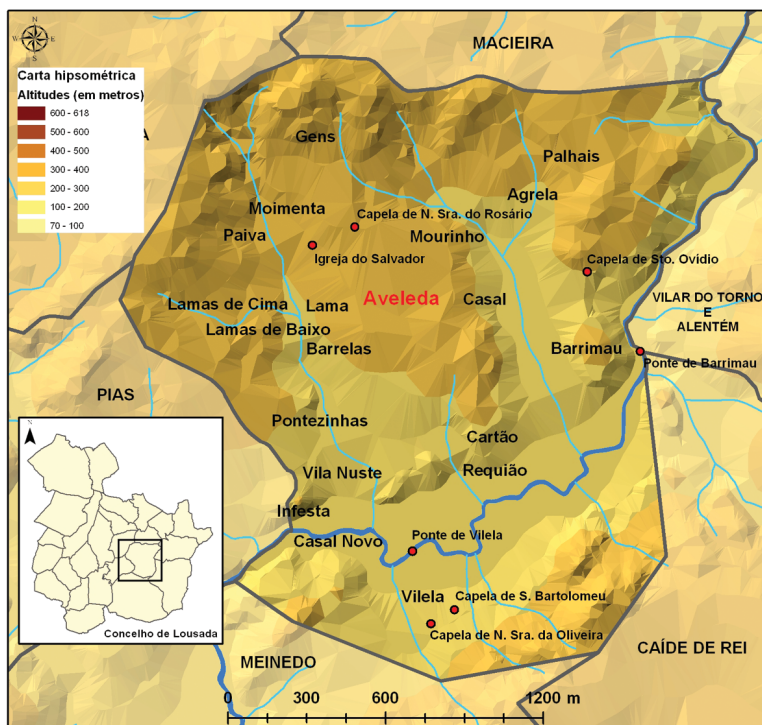
Memória paroquial, toponímia e património (2.ª parte)

Luís Sousa* e Cristiano Cardoso**

INTRODUÇÃO

Com este artigo dá-se continuidade ao estudo da Memória Paroquial da freguesia de Aveleda que se havia iniciado no *Suplemento do Património* do passado mês de Maio. Nesse primeiro momento demos relevo ao extenso texto redigido pelo pároco da freguesia, Francisco Álvares de Azevedo, a 22 de Maio de 1758, em que se dava resposta aos 60 quesitos que compunham o célebre inquérito paroquial, apresentando-se somente um brevíssimo apontamento histórico à freguesia.

Agora, nas linhas que se seguem, propomos, ao leitor, um rápido percurso pelos topónimos enumerados pelo pároco em 1758, fazendo, sempre que possível, uma análise à sua origem etimológica. Também se pretende deixar algumas notas acerca do património relevante e assinalado no texto setecentista. A qualidade das



Mapa 1 - Património e topónimos referidos na Memória Paroquial de 1758



Fig. 1 - Perspectiva geral do lugar do Cabo

informações e a extensão desta memória levamos a remeter para um próximo artigo a parte restante relativa ao património e toda a secção de personalidades.

3. TOPONÍMIA, PATRIMÓNIO E PERSONALIDADES

Pela sua diversidade e singularidade impõe-se uma apresentação e breve análise da toponímia da época, que, em grande parte dos casos, subsistiu até à actualidade. A freguesia de Aveleda é rica em património arquitectónico acerca do qual nos deteremos um pouco, especialmente sobre o património religioso, o mais destacado pelas memórias. Será igualmente o espaço para esboçar alguns apontamentos biográficos acerca de personalidades locais às quais o texto memorialista nos reporte.

* Arqueólogo. CML.

** Técnico Superior de História. CML.

3.1. Toponímia

Denominação (antiga-1758/actual)	Nota etimológica/Ref. ^{as} bibliográficas/Observações
Agrella/Agrela	Diminutivo de <i>agra</i> , o mesmo que <i>campo</i> ¹ .
Avelleda/Aveleda	Topónimo frequente, de Avelaneda, do latim <i>abellarñeta</i> ou <i>avellaneta</i> , de <i>abellana</i> ou <i>avellana</i> ² .
Barrellas/Barrelas	Somos da opinião de A. de Almeida Fernandes, que no caso não estamos em face de um topónimo de origem pré-nacional ³ , antes mais perante um vocábulo derivado de barro, isto é, que exprime tratar-se de um lugar onde se recolhe ou existe terra argilosa.
Barrimao/Barrimau	Tal como apontado para Barrellas, Barrimau deverá relacionar-se com a presença de um barreiro, caracterizado por barros de má qualidade argilosa. Por seu lado, J. P. Machado releva tratar-se de um topónimo de origem obscura, talvez de <i>barrio mau</i> , isto é, «bairro mau» ⁴ .
Barroca	Segundo José Pedro Machado, Barroca é topónimo frequente, derivado do singular feminino Barroca, de barro, com sufixo –oca, talvez pré-romano ⁵ . Somos, tal como A. de Almeida Fernandes, e como afirmamos no tocante ao topónimo Barrelas, de opinião contrária. Julgamos, aliás, que este topónimo Barroca nada terá que ver com barro, antes mais relacionar-se com uma questão de ordem topográfica. Como se constata para outras referências toponímicas conhecidas em Lousada em particular, mas comum a outros territórios, significará zona funda, por vezes com abundante presença de água.
Cartaõ/Cartão	Topónimo talvez com origem em <i>Cartoni</i> , genitivo de um antropónimo de origem germânica ⁶ .
Cazal/Casal	Topónimo frequente, muito documentado na Idade Média ⁷ . Por casal entende-se uma unidade agrícola composta pela habitação e por outras estruturas como a adega e lagar, celeiro ou palheiro, cortes para animais e lojas para recolha de alfaiais agrícolas. Trata-se da composição rural que melhor caracteriza a exploração da terra no entre Douro e Minho.
Cazaes Novos/ Casais Novos	Topónimo frequente, de origem e significação evidente ⁸ . Plural de «Casal». Veja-se o que a propósito deste topónimo se disse anteriormente. Casais aparece aqui acompanhado de um substantivo masculino plural – Novos, indicativo do que é recente.
Covo	Topónimo geográfico frequente, por vezes empregue como adjectivo. Tem valor topográfico, reflectindo tratar-se de local baixo e fundo ⁹ . Este topónimo não foi localizado.
Enfesta/Infesta	Topónimo que nos reporta para o relevo: empinado, a subir, íngreme ¹⁰ . De <i>en-+festo</i> do germânico <i>first</i> , «cumeeira».
Gens	De modo equivocado J. P. Machado e Almeida Fernandes apontam este topónimo para Aveleda com a grafia «Genes» ¹¹ . É de admitir que este tenha origem talvez em <i>Genesi (villa)</i> , genitivo do antropónimo <i>Genesius</i> . Almeida Fernandes refere que <i>Genesi</i> possa ter originado <i>Gêes</i> , com translação do acento tónico ¹² .
Lama	Topónimo evidente. Relaciona-se usualmente com uma superfície pautada pela abundante presença de água, resultando num solo “ensopado”.
Lamas de Baixo e Lamas de Sima/ Lamas de Cima	Plural de Lama. O mesmo que apontado para Lama. Topónimo que evidencia a localização do sítio relativamente a outro, que ora se encontra posicionado em cota mais baixa, ora em superior.
Momenta/Moimenta	Topónimo de cariz topográfico. Aparece documentado no séc. XI como <i>Monumenta</i> e no séc. XII <i>Monimenta</i> . Do latim <i>monimenta</i> , plural colectivo de <i>monimentu</i> -, forma dupla de <i>monumentum</i> . Segundo J. P. Machado, deve tratar-se de alusão a monumentos antigos ¹³ . Embora o autor não especifique quais os monumentos antigos, julgamos que o topónimo se poderá relacionar com a existência uma estrutura tumular eventualmente medieval.

¹Machado, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 61.

²Machado, José Pedro – ob. cit., vol. I, p. 191.

³Fernandes, A. de Almeida – *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a defesa da cultura arouquense, 1999, p. 81.

⁴Machado, José Pedro - ob. cit., vol. I, p. 223.

⁵Machado, José Pedro - ob. cit., vol. I, p. 223.

⁶Machado, José Pedro - ob. cit., vol. I, p. 362; Fernandes, A. de Almeida – ob. cit., p. 156.

⁷Machado, José Pedro - ob. cit., vol. I, p. 365.

⁸Machado, José Pedro - ob. cit., vol. I, p. 365.

⁹Machado, José Pedro - ob. cit., vol. I, p. 466.

¹⁰Machado, José Pedro - ob. cit., vol. II, pp. 801-802.

¹¹Machado, José Pedro - ob. cit., vol. II, pp. 707-708; Fernandes, A. de Almeida – ob. cit., p. 339.

¹²Fernandes, A. de Almeida – ob. cit., p. 339.

¹³Machado, José Pedro - ob. cit., vol. II, p. 1007.

Denominação (antiga-1758/actual)	Nota etimológica/Ref. ^{as} bibliográficas/Observações
Mourinho	Este topónimo terá origem, segundo J. P. Machado, no antropónimo latino <i>Maurino</i> -, derivado de <i>Maurus</i> , talvez de origem germânica ¹⁴ .
Paiva	Topónimo que José Pedro Machado (1993, II: 1118) relaciona com o nome do rio do Douro. Acrescenta que parece ter origem pré-romana, tendo passado pela latinização de <i>Pavía</i> .
Palhães/Palhais	Topónimo frequente, plural de Palhal. Para Palhal, J. P. Machado indica casa coberta de palha ¹⁵ . Embora não tenhamos dados em contrário, é um topónimo a merecer mais atenção.
Pontezinhas	J. P. Machado, sobre este topónimo, em concreto, nada diz. Reporta-se a Ponterrinhas, referindo que é diminutivo de Ponte ¹⁶ . Neste último caso não somos da opinião do autor. Se Pontezinhas apresenta um sufixo que parece indicar ponte de pequena dimensão e localmente é apontado como se reportando à existência de passagens entre campos agrícolas, compostas por pequenas estruturas em madeira, de pedra ou terra, Ponterrinhas tem uma origem etimológica diferente, tratando-se de uma palavra composta, radicando a sua formação em Ponte + Terrinha, isto é, ponte feita em terra ou que uma boa parte da estrutura a compõe.
Requiam/Requião	Topónimo eventualmente de origem germânica.
Vilella/Vilela	Diminutivo de «Vila». Por vila entende-se aqui uma zona onde é evidente a presença de um certo número de casas mais/menos próximas e que se dispõem em redor de uma parcela agrícola de boa dimensão, ou unidade agrícola de superior grandeza que o casal.
Villanuste/Vila Nuste	Topónimo antigo, talvez de origem germânica.

Tabela 1 - Topónimos contidos na Memória Paroquial de Aveleda de 1758

3.2. Património

3.2.1. Igreja Paroquial

A igreja de Aveleda, à semelhança de inúmeras igrejas da região, apresenta vários momentos de construção que se distinguem com facilidade através da observação dos seus alçados, cuja arquitectura evidencia o gosto e os modelos de diferentes épocas. Destaque especial para a construção de origem medieval que se observa ao nível da nave e com maior evidência nos portais. Esta primeira fase de construção, que tem suscitado a atenção de muitos investigadores, enquadra-se no âmbito da arquitectura românica dos finais do século XIII ou até princípios do século XIV. O portal principal, composto por seis colunas e três arquivoltas de arco quebrado, apresenta-se praticamente desprovido de decoração. Apenas as bases das colunas e os capitéis exibem trabalho escultórico, aliás, muito característico do românico do vale do Sousa, composto essencialmente por motivos vegetalistas rasgados a bisel, com realce para o friso de palmetas que reveste a face oblíqua das impostas. Nos alçados laterais foram abertos dois portais sem colunas muito pouco ornamentados, à semelhança da cornija e dos cachorros totalmente lisos. A perduração do modelo românico de construir constitui uma expressão clara do quanto este estilo foi apreciado na região, dando origem à qualificação de *românico de resistência*, que, neste

caso de Aveleda, se manifesta com propriedade. A segunda fase de construção determinou a eliminação da antiga capela-mor (presumivelmente de origem românica) com o acrescento do corpo da



Fig. 2 - Igreja do Salvador de Aveleda

¹⁴Machado, José Pedro - ob. cit., vol. II, p. 1029.

¹⁵Machado, José Pedro - ob. cit., vol. III, p. 1121.

¹⁶Machado, José Pedro - ob. cit., vol. III, p. 1197.



Fig. 3 - Capela de Nossa Senhora do Rosário
(Foto de André Paulo Borges)

nave para nascente e a edificação de uma nova capela-mor e da sacristia. Estas obras ocorreram num momento nunca posterior ao ano de 1709, conforme se pode constatar da leitura dos livros dos capítulos de visitação desta freguesia. Só muito mais tarde, por volta de 1761/63 se procedeu à construção da torre sineira, completando-se assim a volumetria que ainda hoje se pode observar.

3.2.2. Capela de N. S. do Rosário

A capela de Nossa Senhora do Rosário situa-se a cerca de 150m a nascente da igreja, formando juntamente com o singular cruzeiro paroquial um conjunto arquitectónico vernacular de muito interesse cultural, que nos remete para a tradição das procissões e das festividades religiosas tão difundidas no período barroco. A capela forma um corpo único ao qual se encosta uma pequena sacristia no lado norte. O portal ocidental é precedido de um cabido delimitado por muro e composto por seis colunas decoradas que sustentam o alpendre. Para superar a ausência de capela-mor, o piso, junto à mesa de altar, eleva-se através de um patamar em pedra servido por uns degraus, criando um espaço exclusivo para o celebrante. Esta capela foi uma das enumeradas pelo pároco memorialista em que dava conta da existência de uma irmandade com juiz e oficiais que assumia a fábrica. Por essa época a capela seria consideravelmente mais pequena. Pela face exterior da parede fundeira é possível ob-

servar-se que a capela foi aumentada em altura. Esta constatação condiz com as informações que se podem recolher nos livros de visita. Em 1767 o visitador ordena que se proceda a obras na capela e que se lhe aumente duas fiadas de pedra em altura. Nesta mesma visita reforça-se a determinação de um capítulo de 1763 pelo qual se mandava construir a sacristia.

3.2.3. Capela de São Bartolomeu

Trata-se de um edifício que se localiza já na margem esquerda do rio Sousa, no lugar denominado por Vilela, parte da freguesia de Aveleda que pertenceu ao antigo concelho de Santa Cruz de Ribatâmega até à reforma territorial de

1836. A sua localização coincide com uma encruzilhada de caminhos muito importantes pelo menos desde a Idade Moderna, constituindo a monumental ponte de Vilela um testemunho disso mesmo. A capela remontará ainda ao século XVII, pois em 1709 já se alerta para o seu mau estado de conservação, que desencadeou mesmo um processo de suspensão da realização dos ofícios religiosos. Apesar de algumas reparações pontuais feitas ao longo dos anos, a deterioração do pequeno edifício levou à decisão de demolir e de construir de raiz uma nova capela. Esta nova construção decorreu ao longo dos anos de 1736 e 1737 e foi promovida pelo visitador que deixou em capítulo específico algumas orientações arquitectónicas que os fregueses deveriam cumprir.

A capela de São Bartolomeu foi sempre considerada pública pelas fontes eclesiásticas oficiais, no entanto, não deixa de ser curioso o facto de ter decorrido no Tribunal da Relação de Braga, na primeira metade do século XVIII, um processo judicial que punha em causa esta afectação, revelando um conflito entre entidades que reclamavam a sua administração. O tribunal acabou por decidir a favor da paróquia, entregando a administração da fábrica da capela ao pároco.



Fig. 4 - Capela de São Bartolomeu

(CONTINUA)